



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ANAMÍZIA SOARES DE QUEIROZ

**ANÁLISE DO ADJETIVO NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUN-
DAMENTAL**

CAJAZEIRAS - PB

2017

ANAMÍZIA SOARES DE QUEIROZ

ANÁLISE DO ADJETIVO NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

**Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Licenciatura em Língua Portuguesa do Centro de
Formação de Professores da Universidade Federal
de Campina Grande.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de Lima
Arrais**

**CAJAZEIRAS - PB
2017**

ANAMÍZIA SOARES DE QUEIROZ

**ANÁLISE DO ADJETIVO NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**Monografia apresentada ao Curso de
Letras – Licenciatura em Língua
Portuguesa da Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de
Campina Grande.**

Aprovado em: 19/04/2014

BANCA EXAMINADORA

Maria Nazareth de Lima Arrais

Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais (Orientadora)

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Maria Adriana Leite Alves

Profa. Ms. Maria Adriana Leite Alves (Membro)

EEEFMAFAD

Abdoral Inácio da Silva

Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva (Membro)

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

À minha família, em especial ao meu pai Iramilton Soares Pereira e à minha mãe Maria Piedade de Queiroz por sempre terem lutado e acreditado em meus sonhos, por todo esforço, dedicação e por todo amor que sempre me ofereceram.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por ter me dado força e sabedoria ao longo da caminhada e por me permitir concluir o meu curso de Letras – Língua Portuguesa.

Aos meus pais que sempre acreditaram em minha capacidade e na realização dos meus sonhos.

A meu noivo Everton Queiroz de Assis, por estar sempre ao meu lado.

A minha amiga Maria do Socorro Sarmiento Luís, carinhosamente Corrinha, pelo ombro amigo, força e apoio que sempre destinou a mim.

A minha orientadora Profa. Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais, pelas orientações e conhecimentos compartilhados, mostrando sempre sabedoria e competência no que concerne ao estudo da língua.

Aos meus queridos professores da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cajazeiras, que contribuíram para a minha formação docente.

À CAPES pelo investimento no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o que permitiu a minha participação no subprojeto Língua Portuguesa, de onde levarei muitas experiências e conhecimentos a serem compartilhados.

Aos meus colegas do curso de Letras com quem tive o prazer de conviver durante esses anos de aprendizado.

À Coordenação Acadêmica de Letras pelo desempenho e competência no desenvolvimento e programação das atividades acadêmicas do respectivo curso.

À direção do Centro de Formação de Professores, nas pessoas do Prof. Dr. Antônio Fernandes Filho e do Prof. Dr. Carlos Davidson Pinheiro.

A todos que fizeram parte dessa grande conquista em minha vida, professores, amigos e familiares.

“[...] O substantivo é o corpo, o adjetivo é o brinco. Importa o que nosso corpo diz, [...] como reage ao toque, os sentimentos que leva dentro [...]. O adjetivo é apenas o que fica aparente.

E assim tudo. O substantivo é a alma, o adjetivo é a lágrima. O substantivo é o crime, o adjetivo é o sangue. Ambos complementares, porém o substantivo é o conteúdo, o adjetivo é apenas o papel de embrulho.”

(Martha Medeiros, 2004)

RESUMO

O Livro Didático (LD) é um documento muito importante para a formação discente, uma vez que é o material adotado para o ensino e, quase sempre, o único material usado pelo professor. Este estudo tem como objetivo analisar o tratamento dado pelo livro didático do 6º ano do Ensino Fundamental *Vontade de saber português* ao nome adjetivo. Para tanto, discorreremos sobre o nome adjetivo a partir dos postulados de Câmara Jr. e outros autores; verificamos a presença do adjetivo no livro didático; e descrevemos como o adjetivo é trabalhado no livro didático selecionado como *corpus*. Nessa direção, nos fundamentamos nas reflexões de Câmara Jr. (2011), sem desconsiderar autores que comungam da mesma perspectiva estruturalista. Do universo de quatro livros da coleção *Vontade de saber português*, selecionamos como *corpus* o LD do 6º ano. Trata-se de uma pesquisa documental, de natureza quanti-qualitativa. Com base na investigação, chegamos ao resultado de que apenas 7% das atividades do LD analisado trabalham com o nome adjetivo enquanto 93% trabalham outros aspectos linguísticos. Esses 7% analisados trabalham com o nome adjetivo, utilizando os critérios de classificação dos vocábulos adotados especialmente por Câmara Jr. (2011), considerando recursos e estratégias significativas para o aprendizado.

Palavras-chave: Livro didático. Classificação dos vocábulos. Adjetivo.

ABSTRACT

The textbook is a very important document to the student's formation, once it is the teaching material chosen and is often the only material used by the teacher. This work has its main objective to analyze the treatment given by the textbook of the 6^o grade *Vontade de saber português* of the Elementary School to the word adjective. Therefore, it is explained about the name adjective starting from the postulate of Jr. Câmara Jr. as well as other authors, we were able to verify the presence of the adjective in the textbook and described how the adjective is elaborated in the textbook selected as the corpus. In this direction, in the fundamentals of Câmara Jr. (2011), without desconsidering authors that share the same structuralist perspective. Between the collection *Vontade de saber português*, made of four books, the selected corpus of our research is the textbook of the 6th grade. This work is about the documentary research of a quantitative-qualitative nature. Based on the investigation, the conclusion is that only 7% of the textbook activities operate with the adjective, while 93% focus on other grammatical aspects. These 7% analyzed handle the name adjective, utilizing the criteria of vocable classification adopted especially by Câmara Jr. (2011) embracing significate resources and strategies significant to the learning.

Keywords: Textbook. Vocab Classification. Adjective.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNLD	Comissão Nacional do Livro Didático
COLTED	Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático
FAE	Fundação de Assistência ao Estudante
FENAME	Fundação Nacional do Material Escola
FNDE	Fundo Nacional da Educação
INL	Instituto Nacional do Livro
LD	Livro Didático
LDP	Livro Didático de Língua Portuguesa
MEC	Ministério da Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PLIDEF	Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental
PNCs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
SEF	Secretaria de Educação Fundamental

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Universo da pesquisa.....	34
Figura 2 - Atividade 1.....	45
Figura 3 - Atividade 1.....	46
Figura 4 - Atividade 2.....	48
Figura 5 - Atividade 2.....	49
Figura 6 - Classificação do adjetivo.....	50
Figura 7 - Atividade 3.....	51
Figura 8 - Atividade 3.....	52
Figura 9 - Flexão do adjetivo.....	52
Figura 10 - Atividade 4.....	53
Figura 11 - Atividade 5.....	54
Gráfico 1 - Atividades do LD que trabalham e que não trabalham adjetivo.....	44
Quadro 1 - Percurso Histórico do Livro Didático.....	15
Quadro 2 - Estrutura do Livro Didático.....	37
Tabela 1 - Distribuição de proposta de atividades com o trabalho gramatical.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 LIVRO DIDÁTICO NO CONTEXTO ESCOLAR	14
2.1 PROCESSO HISTÓRICO DO LIVRO DIDÁTICO.....	14
2.2 LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	16
3 CLASSIFICAÇÃO DOS VOCÁBULOS.....	20
3.1 REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA(GEM).....	20
3.2 FORMAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE PALAVRAS.....	23
3.2.1 O ADJETIVO NA VISÃO DE MATTOSO.....	26
3.2.2 O ADJETIVO NA VISÃO DE MACAMBIRA.....	27
3.3 A PARTICULARIDADE DO ADJETIVO E O CONTEXTO DE SALA DE AULA.....	28
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	33
4.1 TIPO DE PESQUISA.....	33
4.2 UNIVERSO DE PESQUISA.....	34
4.3 CATEGORIAS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	35
5 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO	36
REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

O Livro Didático (LD) é um documento muito importante para a formação discente, uma vez que é o material adotado para o ensino e, quase sempre, o único material usado pelo professor. Nele estão presentes conteúdos, atividades, textos e propostas de trabalho a serem desenvolvidas na sala de aula. Dessa forma, é imprescindível que o livro didático seja elaborado e/ou selecionado de modo que contemple as atuais perspectivas de ensino, visando o desenvolvimento de habilidades e competências em leitura, escrita, oralidade e análise linguística.

Neste sentido, cabe dizer que o LD ocupa um espaço significativo na sala de aula, não só porque professores e alunos possuem acesso ao mesmo, mas principalmente, porque ele é fonte de aprendizagem, considerando que, em muitas escolas, o único material explorado é o livro didático. Por isso, esse material precisa ser objeto de análise para contribuir de forma positiva para o ensino-aprendizagem.

Dessa forma, deve haver uma preocupação com o livro didático de Língua portuguesa, pois ele precisa possuir conteúdos e perspectivas de ensino que auxiliem o aluno a adquirir e desenvolver a competência linguística necessária para a construção de discursos adequados às várias situações. Isso também se aplica ao ensino das classes gramaticais que estão presentes no LD, uma vez que devem ser apresentadas de modo que os alunos possam refletir sobre a estrutura da língua: como as palavras são formadas e qual o papel que representam no discurso.

Cabe dizer que o interesse pelo estudo das palavras não é algo novo, uma vez que, há muito tempo, os gregos se questionaram sobre a linguagem e, tendo a preocupação voltada para as palavras, denominaram-nas como “partes do discurso”, segundo reflexões feitas por Weedwood (2002). Atualmente, as palavras que foram denominadas desta maneira são conhecidas como aspectos gramaticais da língua e, por isso, são chamadas de classes gramaticais. Tais aspectos são estudados cientificamente com base em critérios que consideram a forma, função e sentido das palavras.

Assim, firmado o interesse pelo estudo das palavras, cabe fixar o nosso ponto de reflexão neste trabalho, a classe gramatical adjetivo que, em sua definição mais comum, é a palavra que caracteriza um substantivo. Dessa forma, ao conceituar o adjetivo como foi feito, usa-se de um critério semântico, no entanto, se acrescentarmos que o adjetivo é uma classe de

palavra variável, isto é, a sua forma pode mudar, de modo que possamos dizer menino *bonito* e menina *bonita*, em que a palavra *bonito* passa por uma variação em gênero, utilizamos também o critério mórfico (formal). Além disso, podemos dizer também que o adjetivo pode desempenhar a função de predicativo do sujeito, por exemplo, então já estaremos utilizando o critério sintático (funcional).

Com base nessas inquietações, nosso questionamento de pesquisa é: qual o tratamento dado pelo livro didático do 6º ano do Ensino Fundamental ao nome adjetivo? Consideramos, para tanto, a hipótese de que muitos livros didáticos trabalham as classes gramaticais sem considerar a hierarquia dos critérios mórfico, semântico e funcional, o que contribui para um ensino com lacunas, acarretando um aprendizado muitas vezes reducionista, do ponto de vista linguístico.

Assim, com a intenção de responder ao questionamento da pesquisa, elaboramos o seguinte objetivo geral: analisar o tratamento dado pelo livro didático do 6º ano do Ensino Fundamental *Vontade de saber português* ao nome adjetivo. E como objetivos específicos: discorrer sobre o nome adjetivo a partir dos postulados de Câmara Jr.; verificar a presença do adjetivo no livro didático do 6º ano do Ensino Fundamental; e descrever como o adjetivo é trabalhado no livro didático selecionado como *corpus*.

A base teórica para tal empreendimento são as reflexões de Câmara Jr. (2011), sem desconsiderar autores que comungam da mesma perspectiva estruturalista. A teoria é de interesse, uma vez que permite a base para sistematização da análise do *corpus*.

Trata-se de uma pesquisa documental, de natureza quanti-qualitativa. Quantificamos dados e os interpretamos. Foram utilizadas fontes bibliográficas, livros, artigos, teses, dissertações etc., e documentais, o livro didático e web gráficas, uma que utilizamos material disponível na *web*.

Cabe ressaltar que a temática escolhida é fruto de um desejo pessoal de aprofundar os estudos sobre as classes gramaticais, uma vez que o gosto e a afinidade pela comunicação são despertados pelo estudo da palavra que passa por um processo evolutivo de criação e análise, o que contribui para a percepção de aspectos que lhes são próprios. Isto porque cada vocábulo possui forma, sentido e funções que lhe são comuns, podendo variar dependendo do contexto.

Além disso, as classes gramaticais são conteúdos adotados para o ensino de Língua Portuguesa e estão presentes no livro didático, tanto do Ensino Fundamental, quanto do Ensino Médio. E, ainda, percebemos uma problemática no que concerne ao trabalho da escola com as classes gramaticais, uma vez que o livro didático não adota uma definição pontual, deixando de considerar em seus conceitos e estudos os critérios morfológicos, sintáticos e semânti-

cos, o que colabora para que não haja uma reflexão sobre a palavra nos seus possíveis aspectos.

É pertinente deixar registrado também que a atuação no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) foi determinante para decidir a escolha da temática desta pesquisa, assim como os estágios supervisionados que realizamos, em especial o Estágio Supervisionado III, numa turma de 6º ano trabalhando as classes gramaticais substantivo, adjetivo e pronome.

Assim, para uma estruturação objetiva e facilitadora da compressão durante a leitura do texto, esta pesquisa está estruturada em quatro capítulos centrais. O primeiro trata do livro didático, considerando-o como objeto de estudo. Tratamos, inicialmente, da história do livro didático para, em seguida, discorrer especificamente sobre o LD de Língua Portuguesa.

O segundo capítulo trata da classificação dos vocábulos, nele abordamos algumas reflexões sobre língua, linguagem, vocábulo e adjetivo, considerando as concepções de Câmara Jr. e Macambira, sem desconsiderar ideias de outros autores. Trata-se de uma reflexão sobre o ensino das classes gramaticais na sala de aula, qual sua importância e de que modo o ensino das classes gramaticais torna-se positivo.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia deste trabalho. Assim, nele mostraremos o nosso percurso metodológico, que caminhos trilhamos para sua elaboração e desenvolvimento. Desta maneira, discorreremos sobre os seguintes pontos: tipo de pesquisa, universo e *corpus* da pesquisa, bem como categorias e procedimentos de análise.

O quarto capítulo é a análise do adjetivo no livro didático *Vontade de saber português*, de Tavares (2012). O qual consideramos um ponto essencial nessa pesquisa, uma vez que depois de feitas as reflexões sobre o livro didático e classes gramaticais, foi chegado o momento de descobrir que tratamento dá o LD selecionado como *corpus* ao estudo do adjetivo.

Além desses capítulos, temos um texto inicial ao qual chamamos de introdução. Nele esclarecemos de que trata a nossa pesquisa, nossos objetivos, inquietações, hipóteses e justificativas. E, também um texto final, ao qual chamamos de considerações finais, nele apresentamos as nossas conclusões e resultados sobre o estudo realizado.

2 LIVRO DIDÁTICO NO CONTEXTO ESCOLAR

2.1 PROCESSO HISTÓRICO DO LIVRO DIDÁTICO

O livro didático, como documento adotado para o ensino-aprendizagem, é muito importante para a formação discente. O que implica dizer que, sendo ele a ferramenta utilizada para o ensino, precisa, para tanto, contribuir de forma positiva para o desenvolvimento de habilidades em leitura, escrita, oralidade e análise linguística.

Neste sentido, Marcuschi e Cavalcante (2008, p. 238) afirma que “[...] se o LD está na sala de aula e, nela, ocupa lugar significativo, é fundamental que continue a ser descrito, debatido, avaliado no esforço coletivo de ampliar sua qualidade”. Isto porque o livro didático deve possuir qualidade ao apresentar conteúdos, atividades, textos e propostas de trabalho a serem desenvolvidas na sala de aula. Desse modo, é imprescindível que seja elaborado e/ou selecionado de modo que contemple atuais perspectivas de ensino.

Assim, dada a importância do livro didático no contexto escolar, cabe ressaltar o seu percurso histórico. Para isso, consideramos uma visita ao Portal do Fundo Nacional da Educação (FNDE) que nos mostra detalhadamente o histórico do livro didático. Com base na leitura realizada, podemos afirmar que o LD passou por várias conquistas e avanços.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), desde 1985, data de seu surgimento, é responsável pela distribuição do LD. No entanto, desde 1929 existem programas voltados para a distribuição de obras didáticas. Assim, os programas iniciais foram sofrendo alterações durante 80 anos, até que se chegasse ao PNLD, um dos programas mais antigos a tratar do LD e que trouxe várias mudanças significativas que contribuíram positivamente para o histórico do LD. Neste sentido, vejamos, detalhadamente, o percurso histórico do LD no quadro abaixo.

Quadro 1 – Percurso Histórico do Livro Didático

1929	O livro didático teve seu primeiro passo, quando o Estado criou o Instituto Nacional do Livro (INL), para legislar as políticas do LD. Esse órgão ajudou no aumento da produção do LD e colaborou para dar maior legitimidade ao mesmo.
1938	Foi formada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) que, ao estabelecer uma política legislativa, cooperou para a circulação do livro didático no País.
1945	A legislação que discorre sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático, passa a ser fixa, deixando, portanto, a cargo do professor a escolha do livro didático a ser utilizado pelos alunos.
1966	É criada a Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (Colted), com o intuito de coordenar as ações referentes à produção, edição e distribuição do livro didático.
1971	Instituto Nacional do Livro (INL) passa a desenvolver para o Ensino Fundamental, o Programa do Livro Didático (Plidef) que assume as áreas que estavam a cargo da Colted.
1976	O INL é extinto, dando lugar à Fundação Nacional do Material Escolar (Fename) executar o programa do livro didático.
1983	Foi então criada em 1983, em substituição à Fename, a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), que incorpora o Plidef.
1985	Surgiu o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), ocupando o lugar do Plidef.
1992	Há uma grande dificuldade para a distribuição dos livros por causa das limitações orçamentárias.
1993	O acesso ao livro é garantido, por meio da Resolução CD FNDE nº 6, permitindo que recursos sejam destinados para a aquisição dos livros didáticos. A partir desse momento, as verbas para a aquisição e distribuição do livro didático se regularizam.
1993/1994	Surge a necessidade de avaliação do livro didático, resultando na definição de critérios a serem adotados.
1995	Acontece a universalização dos livros didáticos.
1997	Ocorre a extinção da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) torna-se responsável pela política de execução do PNLD.

Fonte: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>

Este foi, sumariamente, o processo histórico ao qual o livro didático foi submetido, até que chegássemos ao PNLD, o conhecido Programa Nacional do livro Didático, que desde 1997 tem suas políticas executadas pelo FNDE, e que garantiu vários benefícios, como a escolha do livro didático pelos professores, livros para todos os alunos das escolas e a renovação dos livros didáticos a cada três anos.

Para chegar à posição atual, o LD passou por avanços e retrocessos, pontos positivos e negativos. E, considerando as informações obtidas, cabe remeter às palavras de Batista, Rojo e Zúñiga (2008) quando, ao falar do PNLD, afirmam que:

O Programa Nacional do Livro Didático é desenvolvido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e pela Secretaria de Educação Fundamental (SEF). Os dois órgãos são ligados ao Ministério da Educação (MEC). [...] Suas principais finalidades são a avaliação, aquisição e distribuição universal e gratuita de livros didáticos para o ensino fundamental público brasileiro. (BATISTA, 2008, p. 49).

Assim, o FNDE é responsável, juntamente com a SEF, pelo PNLD, tendo suas preocupações voltadas não só para a distribuição do LD, mas também para avaliação e aquisição do mesmo. Portanto, é através do encaminhamento dado por esses órgãos e políticas que os livros chegam às escolas e são distribuídos para os alunos de forma universal e gratuita.

Dessa forma, cabe reconhecer o grande avanço que isso representa para o ensino, considerando que nem sempre houve livros didáticos de Língua Portuguesa, muito menos, para todos. Essa foi uma conquista que aconteceu ao longo do tempo. Especificamente, é sobre o LD de Língua Portuguesa que discorre o tópico seguinte.

2.2 LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Seguindo o pensamento de que o livro didático é um importante instrumento de trabalho em sala de aula, destacamos o de Língua Portuguesa, que contribui para o desenvolvimento de habilidades linguísticas, quando adequadamente utilizado, uma vez que permite ao aluno inserir-se na cultura escrita.

Atualmente, há um leque de possibilidades para o desenvolvimento da escrita e da leitura, tendo em vista que os livros são de fácil acesso, se pensarmos em comparação há alguns anos. No entanto, é importante reconhecer que, apesar disso, muitas crianças só são inseridas na cultura escrita quando chegam à escola, e o livro didático, muitas vezes, é o primeiro livro

com que os alunos têm contato, não só por ele ser o livro que é distribuído para todos, mas também porque muitas famílias ainda não possuem condições financeiras para comprar livros para seus filhos.

Neste sentido, Batista (2008, p. 47) afirma que:

[...] num país - como o Brasil – de parcimoniosa distribuição do livro, o manual didático é um dos poucos gêneros de impresso (sic.) com base nos quais parcelas expressivas da população brasileira realizam uma primeira – e muitas vezes a principal – inserção na cultura escrita.

Em continuação a esta ideia, Batista (op. cit.) afirma que o livro didático:

[...] é um dos poucos materiais didáticos presentes cotidianamente na sala de aula, constituindo o conjunto de possibilidades a partir do qual a escola seleciona seus saberes, organiza-os, aborda-os.

Isso vale para todas as disciplinas, não só para área de Língua Portuguesa, pois, naturalmente, o LD é um dos materiais que mais ganha espaço na sala de aula, por isso essa preocupação com a qualidade dele. Dessa forma, é pensando no aprendizado dos alunos que o LD traz conteúdos referentes a cada nível de ensino, uma vez que o aprendizado é um processo em que os saberes são organizados em etapas, de modo que o conhecimento seja ampliado e que habilidades em leitura, escrita, oralidade e análise linguística sejam desenvolvidas em cada uma dessas etapas do processo de aprendizagem.

Neste contexto, é pertinente dizer que o livro didático é um material importante para a classe estudantil, assim como para os professores, uma vez que é um material de auxílio ao docente, na medida em que “[...] está presente cotidianamente na sala de aula e constitui um dos elementos básicos da organização do trabalho docente”. (Ibid., p. 53).

Em virtude disso, é que surge uma preocupação com a qualidade do livro didático, pois nele estão presentes os conteúdos a serem ensinados e propostas de ensino a serem acolhidas pelos professores. Por esse motivo, o livro didático é um objeto que merece atenção, devendo, para tanto, haver mecanismos de controle de produção, escolha e uso do mesmo, como pensa Batista (2008). Assim, a autora afirma que:

Por apresentar tanto uma seleção de conteúdos quanto uma proposta de transposição didática, os livros didáticos passaram a ser um objeto de especial atenção, dotado de mecanismos específicos para controle de sua produção, escolha e uso, para controle, portanto, daquilo que se ensina e do modo pelo qual se ensina. (BATISTA, 2008, p. 53).

Ainda tratando da preocupação que deve ser dada ao LD, Marcuschi (2008, p. 238) ressalta que:

[...] o livro de qualidade deverá expressar sua compreensão de língua e suas crenças a respeito do que significa ‘saber língua portuguesa’, suas convicções sobre os conteúdos, as habilidades, as competências mais importantes a serem ensinados/ aprendidos.

A partir da discussão realizada por Marcuschi (2008), percebemos a importância de fazer do livro didático, também, um objeto de estudo e reflexão, uma vez que o objetivo das aulas de Língua Portuguesa é formar bons leitores e escritores.

Dada a importância do LD de Língua Portuguesa, entendemos a ideia de Batista (2008) quando nos direciona à avaliação do material didático, que foi instituída em 1996 como um dos mecanismos utilizados sobre o livro didático antes que este seja repassado para as escolas.

Considerando, portanto, essa avaliação a que foram submetidos os livros didáticos, vejamos três instrumentos principais apresentados por Batista (2008). O primeiro deles incide sobre as dimensões curriculares no que concerne ao conteúdo e à metodologia. O segundo trata da legitimação da escolha, uma vez que “[...] essa avaliação precisa sustentar sua autoridade não apenas em razões de natureza política, mas também de natureza técnica”. (BATISTA, 2008, p. 54). E o terceiro é a criação do Guia do livro didático que contribui para a avaliação do material didático a ser utilizado nas escolas.

Assim, é plausível considerar quão significativo é o LDP para o aprendizado dos estudantes de língua materna. Em confirmação a isso, Bunzen e Rojo (2008, p. 78) são felizes ao afirmarem que “[...] a Lei de Diretrizes e bases 5692/71 estabelece a **língua portuguesa** como ‘instrumento de **comunicação e expressão** da cultura brasileira’”. Dessa forma, sendo a língua geradora de comunicação e expressão, ela torna-se valiosíssima para a formação cidadã. Bunzen e Rojo (Ibid., p. 80), na medida em que continuam suas discussões, nos apontam outro motivo para que o LDP seja valorizado. Vejamos:

É, pois, dirigindo-se a um professor apreciado como mal formado, sem tempo para preparação e correção de atividades escolares, devido a sua grande sobrecarga de trabalho, determinada pelo aviltamento da profissão, e que fica pouco tempo em cada escola, que o livro assume para si a tarefa de estruturar as aulas, até porque, muitas vezes, ele permanece mais tempo nas escolas que os próprios professores.

Na medida em que nos conduzem a pensar sobre o LDP, os autores levantam uma questão importante, que é a falta de desenvolvimento das habilidades dos professores em sala de aula, pela falta de tempo, muitas vezes, o que, apesar de triste, não deixa de ser realidade. Se considerarmos esse ponto de vista, o LDP passa a assumir um papel ainda maior no ensino de língua materna.

Bunzen e Rojo (loc. cit.) firmam esse pensamento ao afirmarem que “os autores de livros didáticos e os editores passam, portanto, a ser atores decisivos na didatização dos objetos de ensino e, logo, na construção dos conceitos e capacidades a serem ensinados”. Tendo em vista as palavras dos autores, entendemos a responsabilidade que é dada ao LDP e aos LDs de forma geral.

E como afirma Marchuschi (2008, p. 238), “Por isso mesmo, se o LD está na sala de aula e, nela, ocupa um lugar significativo, é fundamental que continue a ser descrito, debatido, avaliado, no esforço coletivo de ampliar sua qualidade”. Assim, é pensando na qualidade do ensino da língua que no próximo capítulo discorreremos sobre a classificação dos vocábulos, considerando diferentes teorias, mas tendo como base uma perspectiva estruturalista da qual contemplamos ideias significativas para o estudo da morfologia através das discussões de Câmara Jr. (2011). Damos também ênfase maior ao adjetivo, tendo em vista que ele é o foco da nossa investigação.

3 CLASSIFICAÇÃO DOS VOCÁBULOS

3.1 REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA(GEM)

Para nos comunicar, é inevitável o uso da língua e da linguagem. Considerando as ideias de Weedwood (2002), cabe dizer que, desde o século V a.C, os gregos já se questionavam sobre a linguagem. Algumas das questões que impulsionaram os estudos dos gregos foram: compreender a relação das palavras com aquilo que elas denotam e também descobrir se essa relação se dá naturalmente ou por convenção. Tendo sua preocupação voltada para a palavra, os gregos classificaram as mesmas em “**partes do discurso**”. Sobre isso, Weedwood (2002, p. 17) escreve que:

Na Grécia clássica a necessidade de um vocabulário técnico e conceitual para ser usado na análise lógica das proposições resultou num sistema das partes do discurso que acabou tendo um desenvolvimento que ultrapassou em muito as exigências imediatas dos filósofos que primeiro sentiram a necessidade de tais categorias.

Nota-se a amplitude de estudos que consideram a linguagem, por isso, é pertinente dizer que, antes que chegássemos ao estado atual do uso da língua muitas “águas já rolaram”. Entretanto, antes de chegarmos ao estudo das palavras, foco neste trabalho, já denominado *partes do discurso* e, atualmente, *classes gramaticais*, cabe refletir, inicialmente, sobre as concepções da linguagem e sobre a dimensão que esta possui.

Considerando as ideias de Weedwood (2002), a linguagem foi, a princípio, entendida sob duas óticas: como fonte de conhecimento e como simples meio de comunicação. Além disso, considerando que utilizamos as palavras para designar objetos específicos, havia um grande questionamento da parte dos gregos que “[...] se perguntavam se a conexão entre as palavras e aquilo que elas denotavam provinha da natureza, *phýsei*, ou era imposta pela convenção, *théseĩ*”. (WEEDWOOD, 2002, p. 25, grifo do autor).

Assim, considerando as contribuições dos gregos para a Língua portuguesa, não poderíamos deixar de lado a grande influência da Língua Latina para o nosso idioma. Segundo Carvalho e Nascimento (1981, p. 19) “a língua portuguesa é um prolongamento do latim levado pelos romanos à Península Ibérica”. Desta forma, a Língua Portuguesa evoluiu do latim, cabe dizer que, não do Latim Clássico, mas sim do Vulgar.

A partir dessas discussões, cabe dizer que a linguagem é de grande dimensão, uma vez que permite que os indivíduos estabeleçam a comunicação e interajam socialmente. É através

dela que é possível produzir textos escritos e falados, bem como manifestar ideias. Nas palavras de Sautchuk (2010, p. 2), a linguagem permite “realizações concretas individuais”. Neste encaminhamento, a autora afirma que:

A língua, porém, tomada como um código composto de unidades e de leis que as ordenam e regulamentam, realiza-se mediante a interação e a perfeita harmonia entre todos esses aspectos e não compartimentada por eles. Todo usuário da língua concretiza seus atos de fala e exerce sua competência comunicativa, produzindo textos orais ou escritos.

É, portanto, significativo o estudo da nossa língua portuguesa, bem como reflexões sobre a linguagem, uma vez que é uma ferramenta importantíssima para o estabelecimento de relações entre o indivíduo e a sociedade. Nas palavras de Antunes (2009, p.49), “[...] usar a linguagem é uma forma de agir socialmente, de interagir com os outros”. Pois, quando usamos a linguagem criamos uma ponte entre nós e o outro, o que gera a comunicação, a troca de ideias e de informações. Martelotta (2009, p. 19) concorda com essa ideia ao afirmar que “[...] a linguagem é um dos ingredientes fundamentais para a vida em sociedade”.

Sendo tão importante o uso da língua, são vários os estudiosos que exibem as suas reflexões, dentre eles está Saussure que, sendo “[...] o precursor do estruturalismo, enfatizou a ideia de que a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente”. (MARTELOTTA, 2009, p. 114).

A partir das ideias de Saussure, podemos utilizar uma língua porque conhecemos as regras da gramática desta língua. Martelotta (2009, p. 115) explica isso dizendo que podemos fazer o uso dessa língua porque “[...] conhecemos as peças disponíveis do jogo e suas possibilidades de movimento, como elas se organizam e se distribuem”.

Assim, cabe dizer que, enquanto usuários da língua, conhecemos as maneiras possíveis de nos comunicarmos. Conhecer regras, portanto, não se trata de conhecer as regras descritas nas gramáticas, mas sim as normas que estão internalizadas. Neste sentido, Martelotta (op. cit., grifo nosso) afirma que:

O que regula o funcionamento das unidades que compõem o sistema linguístico são **normas que internalizamos muito cedo** e que começam a se manifestar na fase de aquisição da linguagem. Trata-se de um conhecimento adquirido no social, na relação que mantemos com o grupo de falantes do qual fazemos parte.

O uso de uma língua é inevitável, todos a utilizamos de maneira suficientemente adequada para transmitirmos o que queremos dizer ao outro. É a linguagem que permite que as pessoas usem uma língua que, por sua vez, contribui para que aconteça a comunicação. Neste contexto, Saussure (2012) esclarece que a língua não se confunde com a linguagem, mas que é uma parte essencial dela. Neste encaminhamento, Saussure (2012, p. 41) faz as seguintes considerações sobre língua e linguagem:

[...] Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social [...]. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma classificação.

Assim, pertinente é, dizer que enquanto a língua é pronta, a linguagem é moldada em seus usos, uma vez que nela refletem fatores individuais, sociais e culturais de realização da língua. Todos possuem uma língua materna que lhes permitem executar a linguagem, transmitir seus pensamentos e ideias da maneira necessária e precisa para que a comunicação se efetue. Saussure torna positiva a ideia de que a língua está intimamente ligada à linguagem quando afirma que:

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade – natural ou não - de articular palavras não se exerce senão com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem. (Ibid., p. 42).

Além das contribuições de Weedwood (2002), Sautchuck (2010), Martelotta (2009) e Saussure (2012) no que concerne aos estudos linguísticos, discorrendo sobre língua e linguagem, consideramos também as ideias de Lima (2012, p. 35) quando diz que:

Em sentido amplo, pode-se entender por linguagem qualquer processo de comunicação:

- a) A mímica usada pelos surdos-mudos e pelos estrangeiros que não sabem a língua de um país.
- b) O semáforo, sistema de sinais com que se dão avisos aos navios e aviões que se aproximam das costas ou dos aeroportos.
- c) A transmissão de mensagens por meio de bandeiras ou espelhos ao sol, empregada por marujos, escoteiros, etc.

A língua é um sistema: um conjunto organizado e opositivo de relações, adotado por determinada sociedade para permitir o exercício da linguagem entre os homens.

Contudo, é a partir da língua que acontece o exercício da linguagem e, é a partir deste que há comunicação. Consequentemente, é importante dizer que tudo isso acontece através do uso dos vocábulos e das palavras, e é nesse ponto que tocaremos no tópico seguinte.

3.2 FORMAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE PALAVRAS

As palavras e os vocábulos são estudados na Morfologia. Mas, o que é morfologia? Para responder a esse questionamento, consideraremos as ideias de alguns autores. Segundo Ferreira (2001, p. 471), a morfologia é: “O estudo da estrutura e formação de palavras”. Já para Saussure (2012, p. 184) “A morfologia trata das diversas categorias de palavras (verbos, substantivos, adjetivos, pronomes etc.) e das diferentes formas de flexão (conjugação e declinação)”. Lima (2012, p. 39), por sua vez, em concordância com Ferreira (2001), diz que a morfologia é o “[...] estudo das formas, sua estrutura e classificação”.

Câmara Jr. (2011), de maneira diferenciada, trabalha a morfologia destinando suas reflexões para o vocábulo formal, vale dizer que, na concepção do autor, há distinção entre vocábulo e palavra, uma vez que a palavra, diferente do vocábulo, é dotada de sentido. Além disso, em seus estudos sobre a classificação do vocábulo formal, o autor considera uma divisão de vocábulos em três categorias: nomes, verbos e pronomes.

Assim, Câmara Jr. se diferencia da gramática tradicional que considera o estudo da palavra em classes. Neste sentido, o autor afirma que “[...] temos uma divisão de vocábulos formais em nomes, verbos e pronomes”. Os nomes para o autor são os substantivos, adjetivos e advérbios. (CÂMARA JR., 2011, p. 77).

Macambira (1993), também trabalha com os vocábulos, nisto se aproxima de Câmara Jr. (2011), embora o faça de maneira diferenciada. Mas também se aproxima das reflexões tradicionais quando considera a classificação dos vocábulos em substantivos, adjetivos, pronomes, verbos, numerais, conjunções, advérbios, numerais, artigos e interjeições.

Considerando outras perspectivas, para maior aprofundamento do tema, consideramos as ideias de outros autores, dentre eles Basílio (2013, p. 14, grifo do autor) que define morfologia como:

A parte da gramática que estuda a forma da palavra: o termo morfologia, etimologicamente, corresponde a “estudo da forma”. Do ponto de vista da morfologia, a palavra é uma construção que se estrutura de uma maneira específica: seus elementos componentes, ou formativos, apresentam ordem fixa e são rigidamente ligados uns aos outros, não permitindo qualquer mudança de posição ou interferência de outros elementos.

A partir das ideias de Basílio (2013), entendemos a morfologia como aquela que se encarrega de estudar a palavra, sua estrutura, classificação e formação. Assim, observamos a distinção de pensamento da autora com Câmara Jr. (2011), que ao adotar o estudo do vocábulo, define-o como uma realidade linguística, dos pontos de vista fonológicos, morfológicos e semânticos, distanciando-se, portanto, das ideias e reflexões realizadas pela autora.

Já Sautchuk (2010), afirma que a palavra (ou vocábulo) é formada a partir de unidades menores e significativas, os morfemas, sendo que tais palavras são distribuídas em classes de acordo com as semelhanças que possuem, ou até mesmo, de acordo com o tipo de funções que desempenham. Dessa forma, a distribuição dessas palavras em classes permite que as mesmas sejam organizadas, de modo que palavras de estrutura, sentido e função semelhantes estejam agrupadas na mesma família, por assim dizer.

A autora justifica a importância da existência das classes gramaticais ao afirmar que:

[...] A existência dessas classes gramaticais é justificada tanto pela necessidade de se organizar um repertório tão grande de palavras quanto pelo fato de elas constituírem um modelo: têm características mórficas (estruturais) que permitem contrair ou não determinadas funções sintáticas, propiciando diversas expressões de sentido. (SAUTCHUK, 2010, p. 15).

Tradicionalmente, as palavras são divididas em dez classes gramaticais, estas são distribuídas em variáveis (substantivo, adjetivo, pronome, verbo, artigo e numeral) e invariáveis (advérbio, preposição, conjunção e interjeição). Embora acredite na importância da existência das classes gramaticais, Sautchuk (Ibid, p.8) discorda da divisão dessas classes em dez. Neste sentido, a autora afirma que “Basta dividir o acervo de palavras do português em *palavras carregadas semanticamente* [...] e considerar todas as demais categorias autônomas como *palavras de funcionalidade gramatical*”.

Além disso, a autora afirma que essa classificação das palavras da língua “mostra-se muito mais eficiente que o tradicional agrupamento realizado por meio da divisão não funcional entre palavras variáveis [...] e palavras invariáveis”. (SAUTCHUK, op. cit.).

Em continuidade às nossas reflexões, expomos as palavras de Basílio (2013, p. 21, grifo nosso) ao dizer que:

Damos tradicionalmente o nome de classes de palavras ou partes do discurso a conjuntos abertos de palavras, definidos a partir de propriedades ou funções semânticas e/ou gramaticais. **As classes de palavras são de importân-**

cia crucial na descrição de uma língua porque expressam propriedades gerais das palavras. Por exemplo, é impossível descrever os mecanismos gramaticais mais óbvios, como a concordância de gênero e número do artigo com o substantivo se não determinarmos o que é substantivo e artigo.

Desta maneira, Basílio (2013) defende a ideia de que as classes gramaticais são fundamentais para o uso da língua, uma vez que permite aos usuários desta língua conhecer bem as propriedades das palavras. Além disso, a autora afirma que as palavras são classificadas através de dois critérios: semânticos ou gramaticais. Mas, apesar disso, não deixa de considerar as reflexões no que concernem aos critérios essencialmente morfológicos, sintáticos e semânticos, fazendo, para isso, questionamentos como, “[...] devemos classificar palavras por um único critério ou por um conjunto de critérios? E quais seriam os critérios mais adequados?” (BASÍLIO, 2013, p. 21).

As reflexões de Sautchuk (2010, p. 15) nos dão direcionamento após os questionamentos mencionados, pois, através de suas ideias, entendemos que as palavras devem ser classificadas a partir de sua estrutura (forma), das funções que desempenham e do sentido que possuem. Isso se confirma em sua afirmação:

Percebe-se, assim, como forma, função e sentido estão intimamente ligados para explicar qualquer fenômeno linguístico. A FORMA define-se segundo os elementos estruturais que vieram a compor ou decompor paradigmaticamente as palavras; a FUNÇÃO, conforme a posição ocupada no eixo sintagmático; e o SENTIDO depreende-se da relação de ambas as coisas, quase sempre associado a fatores de ordem também extralinguística.

Assim, a autora nos remete à reflexão de que as estruturas formadas em língua portuguesa podem ser explicadas a partir destes três aspectos: mórfico, que refere-se a forma; sintático, que refere-se a função; e, semântico, referindo-se ao sentido. Sautchuk (2010) complementa, explicando que uma classe gramatical não pode ser estudada apenas sob um aspecto. “Todavia, não se pode continuar, principalmente em relação a conceitos gramaticais necessários, definindo, por exemplo, substantivo como ‘a palavra que dá nome aos seres’ (definição exclusivamente de caráter semântico)”. (SAUTCHUK, 2010, p. 16).

Câmara Jr. (2011, p. 77), por sua vez, em reflexões mais atuais, referentes à classificação dos vocábulos formais, considera em seus estudos três critérios. São estes: morfológico, sintático e semântico. Vejamos a definição do autor para cada um deles:

Um é o de que eles de maneira geral significam do ponto de vista do universo biossocial que se incorpora na língua; é o critério semântico. Outro, de natureza formal ou mórfica, se baseia em propriedades de forma gramatical

que podem apresentar. Um terceiro critério, que teve muita acolhida na gramática descritiva norte-americana, orientada pela linguística sincrônica de Bloomfield, é o funcional, ou seja, a função ou papel que cabe ao vocábulo na sentença.

Desta maneira, as palavras são classificadas de acordo com a forma, a função e o sentido que possuem. É através desses critérios que elas são distribuídas nas dez classes gramaticais já citadas.

Macambira (1993) também fez alguns estudos sobre a palavra. Desta forma, ele afirma que as palavras existentes na língua distribuem-se em classes de acordo com as formas e funções que assumem e desempenham, acrescentando ainda que, para alguns autores, também de acordo com o sentido que expressam.

Assim, as palavras são classificadas por meio de três critérios, são eles, morfológico, sintático e semântico. O primeiro destes refere-se ao estudo da estrutura da palavra, considerando a forma que esta assume, o segundo, a função que a palavra desempenha quando relacionada a outras palavras, em um enunciado, por exemplo, e o terceiro ao sentido que ela pode expressar.

Considerando a existências desses critérios, Macambira (1993) diz que as palavras devem ser classificadas, primeiramente, a partir da forma, ou seja, de modo que se possa observar as “[...] oposições formais ou mórnicas que a palavra pode assumir para exprimir certas categorias gramaticais - o que se chama flexão, ou para a criação de novas formas - o que se chama derivação”. (MACAMBIRA, 1993, p. 17).

Discorreremos nos tópicos seguintes sobre as visões destes autores no que concerne ao estudo e classificação das palavras, voltando nossa atenção, especificamente para o adjetivo.

3.2.1 O ADJETIVO NA VISÃO DE MATTOSO

O adjetivo, tradicionalmente, e, em sua definição mais simples, é a palavra que caracteriza um substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade ou um estado. Em *Menina bonita*, por exemplo, *menina* é substantivo e *bonita* é adjetivo, pois caracteriza *menina*, atribuindo-lhe a qualidade de ser bonita.

Para Câmara Jr. (2011), o adjetivo, assim como o substantivo, é um nome, no entanto, este último é um nome determinado, enquanto que o primeiro é um determinante. Desta forma, de acordo com as concepções do autor, em *Menina bonita*, *menina* é um nome determinado, portanto, um substantivo, e *bonita* é um nome determinante, um adjetivo. Isso acontece,

pois em *Menina bonita*, há um nome que determina que é o adjetivo *bonita*; e um nome que é determinado, que é o substantivo *menina*. Uma vez que *bonita* está atribuindo à menina a qualidade de ser bonita, o que significa dizer que não se trata de qualquer menina, mas da *menina bonita*.

Além disso, considerando os conhecimentos explorados por muitas gramáticas normativas, os adjetivos sofrem flexões em gênero, número e grau. Sendo que o gênero, assim como nos substantivos é o feminino e masculino, no entanto, recebem também a denominação de biformes e uniformes. O número, singular e plural. Ainda colocam a alteração de grau, superlativo e comparativo.

Câmara Jr. (2011, p. 82, grifo do autor) faz algumas reflexões sobre “as flexões” de grau dos adjetivos:

Os adjetivos portugueses apresentam comumente uma possibilidade de indicarem por meio de um morfema gramatical, adicional, o alto grau da qualidade que expressam. Temos *tristíssimo*, para *triste*, *facílimo*, para *fácil*, *nigérrimo*, para *negro*, e assim por diante. As nossas gramáticas costumam definir o processo como uma “flexão de grau”. Faltam nele, entretanto, as condições acima estabelecidas.

Assim, para o autor, as palavras dessa natureza, não passam por processo de flexão de grau, mas sim de derivação. Desta forma, as palavras *tristíssimo*, *facílimo* e *nigérrimo*, mencionadas pelo autor, são palavras derivadas de *triste*, *fácil* e *negro*.

3.2.2 O ADJETIVO NA VISÃO DE MACAMBIRA

Macambira (1993, p. 36-38) apresenta uma definição para os adjetivos que considera o aspecto mórfico, sintático e semântico. Sob o aspecto mórfico, o autor afirma que “pertence à classe do adjetivo toda palavra que produz oposições formais, correspondentes ao grau positivo e ao grau superlativo, sufixado por *-íssimo*, *-érrimo*, *-límio*”. Vejamos os exemplos:

- a) Gostoso – *gostosíssimo*; bom – *boníssimo*;
- b) Célebre – *celebérrimo*; magro – *macérrimo*;
- c) Fácil – *facílimo*; frágil - *fragílimo*

Sob o aspecto sintático, ele diz que “pertence à classe do adjetivo toda palavra variável que se deixar preceder pelos advérbios correlativos *tão* ou *quão*, de preferência o primeiro”. São exemplos:

- a) Bom – tão bom, tão bons; quão bom, quão bons;
- b) Alto – tão alto, tão altos; quão alto, quão altos;
- c) Feio – tão feio, tão feios; quão feio, quão feios.

Sob o aspecto semântico, “pertence à classe do adjetivo toda palavra que exprime qualidade”. Macambira diz que esta definição não resiste à críticas, pois muitos advérbios terminam em –mente e nem por isso serão chamados de adjetivos.

Assim, os critérios precisam ser usados, não basta usar só o critério mórfico ou só o critério semântico, pois os três precisam ser usadas na definição das palavras. Neste sentido, Macambira (1993, p. 38) afirma que precisa-se “[...] definir o adjeto sobre a tríplice critério morfo-sintático-semântico”. O que resultaria na seguinte definição: “adjetivo é a palavra variável que serve para modificar o substantivo”.

Macambira (1993, p. 38) acrescenta que:

A definição é mórfica porque apela para o variável, isto é, para a flexão numérico-genérica. É sintática porque supõe o grupo formado por adjetivo e substantivo. É semântica porque usa o verbo modificar.

Desta maneira, o autor explica que essa definição possui os três critérios, pois ao dizer que o adjetivo é uma palavra variável apelamos para o mórfico, quando estabelecemos uma relação entre adjetivo e substantivo usamos o critério sintático, e com o uso do verbo *modificar* apelamos para o critério semântico.

3.3 A PARTICULARIDADE DO ADJETIVO E O CONTEXTO DE SALA DE AULA

Observadas as ideias e reflexões de Mattoso e Macambira sobre o adjetivo, veremos também o tratamento que Sautchuk (2010) dá a este ao considerá-lo em sua **particularidade**. Além disso, a partir das discussões realizadas, refletiremos um pouco sobre o adjetivo no contexto de sala de aula.

De acordo com Sautchuk (2010, p. 23, grifo do autor):

Por uma lei morfossintática do português, todo ADJETIVO é palavra variável em gênero e/ou número e deixa-se articular (ou modificar) por outra que seja advérbio. [...] Entretanto, reformulando essa asserção de maneira bastante funcional, teríamos: *é adjetivo toda palavra variável em gênero e/ou*

número que se deixa anteceder por “tão” (ou por qualquer intensificador, como bem ou muito, dependendo do contexto).

Assim, percebemos que é dada, nas palavras de Sautchuk (2010), uma particularidade ao adjetivo, uma vez que, considera o adjetivo não apenas em seu aspecto semântico, mas também faz reflexões morfológicas e sintáticas a respeito dessa classe gramatical. Percebemos isso na medida em que ela afirma que o adjetivo é uma classe de palavra variável e por isso sofre flexões em gênero e número, mudando a sua forma. E também quando coloca o adjetivo, não como uma palavra que modifica, mas como uma palavra que pode ser modificada, envolvendo, para tanto, a funcionalidade da palavra. Tanto é que afirma: “Também o ADJETIVO possui determinadas características mórficas e sintáticas que o diferenciam de palavras pertencentes a outras classes gramaticais”. (SAUTCHUK, 2010, p. 22).

Se Sautchuk (2010) coloca o adjetivo como classe possível de ser modificada, considerando a relação que esta estabelece com o advérbio, Basílio (2013) aponta para a ideia de adjetivo como classe modificadora em relação ao substantivo. Assim, “Adjetivos denotam qualidades e propriedades em geral, atribuindo-as aos substantivos a que se referem”. (BASÍLIO, 2013, p. 53).

Kleiman (2012), de maneira pertinente, aponta para o fato de a gramática tradicional fazer uma grande ponte entre adjetivos e substantivos, uma vez considerada a afirmação de que adjetivos caracterizam substantivos, portanto, são modificadores. Neste sentido de proximidade, Kleiman (2012, p. 125) afirma que “O adjetivo expressa a noção de qualidade e, nessa função particularizadora dos objetos do mundo, forma, com o substantivo, uma unidade: substantivo e adjetivo (e outros modificadores) são parte do mesmo constituinte”.

Além de nos direcionar às reflexões que devem ser feitas em sala de aula, quanto a relação existente entre adjetivos e substantivos, Kleiman (2012) firma a ideia de que deve haver maior atenção aos aspectos essenciais de uso do adjetivo, dentre os quais destaca a propriedade de particularizar entidades. Cabe dizer que o adjetivo é uma grande ferramenta discursiva, ideia que se firma no seguinte exemplo:

[...] o uso de um adjetivo para descrever o animal, como na oração *tinha um pássaro imundo na janela*, indica uma seleção, por parte do falante, de uma característica do objeto, que fica em destaque, porque para o falante é mais saliente, mais importante. Por meio desse destaque, o falante faz com que o ouvinte veja também o objeto pelo prisma escolhido por ele. (Ibid., p. 126, grifo do autor).

Assim, o adjetivo, como afirma Kleiman (Ibid., p. 128) possui uma “[...] função particularizadora importante e, nessa função, pode dar vida ao texto”. Desta forma, é muito importante que o professor de língua portuguesa saiba como explorar, minuciosamente, essa classe gramatical em sala de aula, de modo a considerá-la em seus aspectos mórficos, sintáticos e semânticos.

Considerando o contexto da sala de aula, Kleiman (Ibid., p. 131) nos apresenta um momento no ambiente escolar em que a professora se propõe a ensinar a classe gramatical adjetivo. Vamos ver um trechinho desse diálogo entre a professora e os alunos:

- [...] Coloca três canetas na mesa, de três cores diferentes.
- Professora: Vamos olhar essas canetas na mesa. Aí eu peço para o Werme-son: me passa a caneta por favor. Ele vai saber qual a caneta que eu quero?
 - Alunos: Não...
 - Professora: Como posso pedir para ele saber?
 - Alunos: Fácil, professora. Uma é vermelha, uma é verde e a outra preta.
 - Professora: Isso. É o adjetivo que me permite fazer isso: vermelho, verde, preto. Eu posso dizer: Me passa a caneta vermelha, por favor. O adjetivo me ajuda a particularizar um objeto.

Nesta situação, a professora utiliza uma estratégia para tornar clara aos alunos a ideia do adjetivo enquanto palavra que particulariza determinado objeto, na medida em que atribui-lhe uma característica que, a depender do contexto, o diferencia dos demais. A professora, de maneira adequada, se utiliza de objetos do seu entorno.

Neste sentido, Kleiman (2012) traz discussões significativas para o emprego dos adjetivos e da exploração deste no ambiente escolar, pois toda discussão que trata das classes gramaticais de modo a direcioná-las ao ensino é bastante significativa, uma vez na defensiva de que esses são conhecimentos a serem desenvolvidos em um público estudantil, com vistas a desenvolver competências linguísticas.

O estudo do adjetivo é contemplado pelos PCN, uma vez que este documento preza pelo desenvolvimento de habilidades linguísticas, com o objetivo de fazer com que os alunos reflitam, analisem e pensem sobre os fenômenos linguísticos. De acordo com os PCN, esse estudo

- [...] Implica uma atividade permanente de formulação e verificação de hipóteses sobre o funcionamento da linguagem que se realiza por meio da comparação de expressões, da experimentação de novos modos de escrever, da atribuição de novos sentidos a formas linguísticas já utilizadas. (BRASIL, 1997, p. 53).

Assim, a prática da análise linguística permite que os alunos olhem para a língua de forma reflexiva, contribuindo para a percepção dos elementos e mecanismos linguísticos de forma mais precisa e para a compreensão do funcionamento da linguagem. Nessa perspectiva, os PCN ressaltam que:

As atividades de análise linguística não são uma invenção escolar. [...] Quando planejadas didaticamente, situações desse tipo podem constituir uma importante fonte de questionamento, análise e organização de informações sobre a língua. (BRASIL, op. cit.).

Deste modo, os PCN falam sobre um ensino abrangente, cuja análise e reflexão sejam pontos de partida na busca do conhecimento. Ao tratar dos aspectos gramaticais, que nos interessam neste estudo, os PCN afirmam que

É no interior da situação de produção de texto, enquanto o escritor monitora a própria escrita para assegurar sua adequação, coerência, coesão e correção, que ganham utilidade os conhecimentos sobre os aspectos gramaticais. (BRASIL., 1997, p. 55).

Assim, os PCN preveem o trabalho com os aspectos gramaticais voltados para o texto, de modo a assegurar o desenvolvimento de habilidades textuais e linguísticas, prezando sempre pela reflexão sobre o uso da linguagem. Para tanto, afirmam que:

Se o objetivo é que os alunos utilizem os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para melhorar a capacidade de compreensão e expressão, tanto em situações de comunicação escrita quanto oral, é preciso organizar o trabalho educativo nessa perspectiva. Sendo assim, ainda que os conteúdos relacionados a esse tipo de prática estejam organizados num bloco separado, eles devem remeter-se diretamente às atividades de uso da linguagem. Mais do que isso, devem estar a seu serviço. (Ibid., p. 60).

Nesse sentido, o Ensino de Língua Portuguesa, precisa, antes de qualquer coisa, promover reflexões sobre a língua e linguagem, contribuindo para que os alunos observem a dimensão da língua, suas possibilidades e funcionalidades. Só assim os alunos serão capazes de produzir e analisar textos, reconhecer os aspectos gramaticais e entender as dimensões da oralidade e da escrita.

Foi considerando essas discussões sobre o ensino da língua e, especificamente, do adjetivo, que desenvolvemos no capítulo seguinte a nossa metodologia, que inclui o tipo de pesquisa que utilizamos, o universo de pesquisa, que é o LD da coleção *Vontade de saber portugueses* (onde mostraremos como este se estrutura, o que trabalha e quais habilidades procura desenvolver) e os procedimentos de análise.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo apresentamos aspectos da metodologia utilizados para desenvolvimento deste trabalho. Nesse sentido, abordaremos os seguintes tópicos: tipo, universo e *corpus* de pesquisa, categorias e procedimentos de análise.

4.1 TIPO DE PESQUISA

Para realizarmos esse estudo, utilizamos uma pesquisa **documental**, aquela que, segundo Prodanov (2013, p. 128), “[...] utiliza materiais que não receberam tratamento analítico”. Sobre esse mesmo tipo, Lakatos (2010, p. 157) apresenta uma ideia mais ampla ao dizer que “A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não”. Assim, a nossa pesquisa é documental por analisar um documento, o LDP.

Além disso, possui, também, **caráter bibliográfico**, pois considera os pensamentos, ideias e teorias de diversos autores, a exemplo de Câmara Jr. (2011), no qual nos fundamentos, embora não desconsideramos alguns outros que seguem a mesma perspectiva discursiva.

Segundo Prodanov (2013, p. 128), a pesquisa bibliográfica é “Concebida a partir de materiais já publicados.” Lakatos (2010, p. 166), por sua vez, diz que “A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo”.

No que se refere à abordagem, essa pesquisa é **quanti-qualitativa**, uma vez que “O ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados.” (PRODANOV, 2013, p. 128).

4.2 UNIVERSO DE PESQUISA

O universo desta pesquisa são os livros didáticos da coleção Vontade de saber português. Vejamos a imagem a seguir:

Figura 1 – Universo da Pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa/2017.

Entre os livros desta coleção, selecionamos, como *corpus* desta pesquisa, o LD do 6º ano do Ensino Fundamental: *Vontade de saber português*, de Rosemeire Aparecida Alves Tavares e Tatiane Brugnerotto Conselvan. Selecionamos a referida obra, utilizando como critério o fato de ser estudada nas escolas do Município de Monte Horebe – PB, cidade onde reside a pesquisadora, e também por ser uma obra aprovada pelo PNLD.

Decidimos trabalhar apenas com o livro do professor, pois este é material que possui orientações e dicas que, no momento da análise, poderemos verificar alguns aspectos que não estão explícitos na proposta do livro dos alunos, mas que o manual do professor direciona à reflexão.

4.3 CATEGORIAS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A categoria de análise do LDP é o adjetivo, elegendo como subcategorias os **critérios** de classificação das palavras: **mórfico** (forma), **sintático** (função) e **semântico** (sentido). Assim, para analisar o tratamento que o LDP tem dado ao adjetivo, seguimos os seguintes critérios:

- O LDP do 6º ano do Ensino Fundamental: *Vontade de saber português*, de Rosemeire Aparecida Alves Tavares e Tatiane Brugnerotto Conselvan, trabalha com o adjetivo?
- O LDP do 6º ano do Ensino Fundamental: *Vontade de saber português*, de Rosemeire Aparecida Alves Tavares e Tatiane Brugnerotto Conselvan, prioriza os **critérios** de classificação das palavras: **mórfico** (forma), **sintático** (função) e **semântico** (sentido)? Se positivo, como são abordados?

5 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Este capítulo pretende atingir o segundo e o terceiro objetivo específico elaborado nesta pesquisa: verificar a presença do adjetivo no livro didático do 6º ano do Ensino Fundamental; e descrever como o adjetivo é trabalhado no livro didático selecionado como *corpus*. Assim, para desenvolvê-lo seguimos o primeiro critério de análise:

O LDP do 6º ano do Ensino Fundamental: *Vontade de saber português*, de Rosemeire Aparecida Alves Tavares e Tatiane Brugnerotto Conselvan, trabalha com o adjetivo?

Quanto à organização estrutural do livro, ele é constituído por seis unidades e cada unidade é constituída por dois capítulos. Cada capítulo apresenta a leitura de dois textos, incluindo, reflexões sobre a linguagem e produções escritas e/ou orais. Além disso, o livro conta com recursos imagéticos, tiras, histórias em quadrinhos e gêneros textuais como o diálogo, a paródia, a carta pessoal, a fábula, entre outros. Bem como considera práticas digitais, quando utiliza o gênero e-mail, por exemplo.

O material conta com duzentas e cinquenta e seis (256) páginas, além disso, com uma parte destinada à orientação para o professor que computa noventa e seis (96) páginas, totalizando trezentas e cinquenta e duas (352) páginas.

O quadro a seguir sintetiza essas informações.

Quadro 2 – Estrutura do Livro Didático

UNIDADES	CAPÍTULOS	SEÇÕES DOS CAPÍTULOS
<p align="center">Unidade 1: A arte de saber se comunicar</p>	<p align="center">Capítulo1: Como eu me comunico</p>	<p>Leitura 1 – Almoço em La Grenouillère – Pierre Auguste Renoir</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Ampliando a linguagem</p> <p>Linguagem verbal e não verbal</p> <p>Produção escrita</p> <p>História em quadrinhos não verbal</p> <p>Leitura 2 – Engano – Alexandre Azevedo</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Interação entre os textos</p> <p>Ampliando a linguagem</p> <p>O diálogo entre os textos</p> <p>Produção oral</p> <p>Conversa telefônica</p> <p>Ampliando a linguagem</p> <p>Consultando o dicionário</p> <p>A língua em estudo</p> <p>A língua e suas variações; Gíria; Variedade regional.</p>
	<p align="center">Capítulo 2: Mens@gem p/ vc</p>	<p>Leitura 1 – Ana e Pedro: cartas – Vivina de Assis Viana</p> <p>Ronald Claver</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Produção escrita</p>

		<p>Carta pessoal</p> <p>Leitura 2 – E-mail</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Interação entre textos Ampliando a linguagem</p> <p>A linguagem da internet</p> <p>A língua em estudo</p> <p>Pontuação; Tipos de frases.</p>
<p>Unidade 2: Histórias que divertem e ensinam</p>	<p>Capítulo 1: De volta à terra da fantasia</p>	<p>Leitura 1 – <i>Uma menina chamada Chapeuzinho Azul</i> – Flavio de Souza</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Leitura 2 – <i>O Rei Sapo</i> – Jacob Grimm; Wilhwlm Grimm – Adap. Bianca Encarnação</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Interação entre os textos</p> <p>Ampliando a linguagem</p> <p>O diálogo</p> <p>Produção escrita</p> <p>Paródia</p> <p>Produção oral</p> <p>Contar histórias</p> <p>A linguagem em estudo</p> <p>Substantivo; Classificação do substantivo;</p>
		<p>Leitura 1 – <i>A assembleia dos ratos</i> – Ivana Arruda Leite</p> <p>Estudo do texto</p>

	<p>Capítulo 2: Qual a moral da história?</p>	<p>Ampliando a linguagem</p> <p>Sinônimos</p> <p>Leitura 2 – <i>O pastor e os lobos</i> – Esopo – Recontado por Felipe Torre</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Interação entre os textos</p> <p>Produção escrita</p> <p>Fábula</p> <p>A linguagem em estudo</p> <p>Flexão e grau do substantivo; Letra, fonema e dígrafo;</p>
	<p>Capítulo 1: Histórias de arrepiar</p>	<p>Leitura 1 – Goosebumps: Acampamento fantasma – R. L. Stine</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Produção escrita</p> <p>Sinopse de livro</p> <p>Leitura 2 – <i>Tereza Bicuda</i> – Maria José Silveira</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Ampliando a linguagem</p> <p>Linguagem coloquial</p> <p>Produção oral</p> <p>Narrar caso</p> <p>A língua em estudo</p> <p>Adjetivo; Classificação do adjetivo; Sílabas, encontro vocálico e encontro consonantal;</p>
		<p>Leitura 1 – <i>Encontro à meia-noite</i> – Liliana Iacocca</p> <p>Estudo do texto</p>

<p>Unidade 3: Há algo de estranho no ar!</p>	<p>Capítulo 2: Entre o medo e a coragem</p>	<p>Ampliando a linguagem</p> <p>O uso do dicionário</p> <p>Leitura 2 – A casa Monstro – Site da internet</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Produção escrita</p> <p>Desfecho de conto</p> <p>A língua em estudo</p> <p>Numeral; Classificação do numeral; Uso da vírgula.</p>
<p>Unidade 4: Meio ambiente: responsabilidade de todos</p>	<p>Capítulo 1: Não deixe a natureza ir embora!</p>	<p>Leitura 1 – Anúncio publicitário do WWF – Revista Horizonte Geográfico</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Ampliando a linguagem</p> <p>Recursos de linguagem no anúncio publicitário</p> <p>Produção escrita</p> <p>Anúncio publicitário</p> <p>Leitura 2 – <i>Jamelão pede passagem</i> – Andréa Zilio</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Interação entre os textos</p> <p>A língua em estudo</p> <p>Artigo Flexão e classificação do artigo</p>
	<p>Capítulo 2: Lixo é coisa séria!</p>	<p>Leitura 1 – <i>Magali e Cascão: Um bom conselho</i> – Maurício de Sousa</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Interação entre textos</p> <p>Leitura 2 – <i>Nem tudo que</i></p>

		<p><i>se joga fora é lixo</i> – Fernando Bonassi</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Produção oral</p> <p>Seminário</p> <p>Ampliando a linguagem</p> <p>Elementos coesivos</p> <p>Produção escrita</p> <p>Texto de opinião</p> <p>A língua em estudo</p> <p>Pronome; Pronome pessoal; Pronome de tratamento; Pronome possessivo.</p>
<p>Unidade 5: O prazer de ler</p>	<p>Capítulo 1: Livro: um amigo sempre presente</p>	<p>Leitura 1 – <i>O livro ou o Sonho...</i> – Ricardo Augusto de Lima</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Produção oral</p> <p>Apresentação de livro</p> <p>Leitura 2 – Meu amigo mais antigo – Zivaldo Alves Pinto</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Ampliando a linguagem</p> <p>Sentido próprio e sentido figurado</p> <p>Produção escrita</p> <p>Relato pessoal</p> <p>A língua em estudo</p> <p>Pronome II; Pronome demonstrativo; Pronome indefinido; Sílabas tônicas; Oxítonas, paroxítonas e</p>

		<p>proparoxítonas; Monossílabos átonos e monossílabos tônicos.</p> <p>Leitura 1 – <i>Onde já se viu?</i> – Tatiana Belinky</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Leitura 2 – <i>Fotografia de menino lendo em lixão</i></p> <p>Estudo do texto</p> <p>Interação entre os textos</p> <p>Produção escrita</p> <p>Crônica</p> <p>A língua em estudo</p> <p>Verbo I; Conjugação verbal; Flexão verbal.</p>
	<p>Capítulo 2: De página em página uma emoção</p>	<p>Leitura 1 – Robin Hood – Adap. Telma Guimarães Castro Andrade</p> <p>Estudo do texto.</p> <p>Leitura 2 – <i>A incrível batalha contra os moinhos de vento</i> – Miguel Cervantes Saavedra – Adap. José Angeli</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Interação entre os textos</p> <p>Ampliando a linguagem</p> <p>Caracterização de personagens</p> <p>Produção escrita</p> <p>Descrição poética de lugares</p> <p>A língua em estudo</p> <p>Verbo II; Tempos do modo indicativo;</p>

Unidade 6: Heróis: fantasia ou realidade		Acentuação de monossílabos tônicos e oxítonas.
	Capítulo 2: Os heróis estão entre nós	Leitura 1 – Heróis desconhecidos – Coriolano Gatto Estudo do texto Leitura 2 – A história da minha vida – Helen Keller Estudo do texto Ampliando a linguagem Elementos coesivos II Produção escrita Autobiografia A língua em estudo Advérbio; Acentuação nas paroxítonas e proparoxítonas.

Fonte: Dados da pesquisa/2017.

No Quadro 2, apresentado acima, mostramos a estrutura do livro, unidades, capítulos e sessões de capítulos, com seus respectivos títulos. Nele, podemos visualizar, nitidamente, cada parte do livro e, a partir disso, observar que o mesmo adota propostas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística. No quadro, damos destaque ao capítulo 1 - *Histórias de arrepiar* - da unidade 3. A razão do destaque se dá por ser a parte que trabalha com os adjetivos, incluindo a classificação e a flexão, como podemos notar.

O LD apresenta diversas atividades com o uso dos recursos gramaticais, mas, como o que nos interessa são os estudos gramaticais no que se refere ao adjetivo, iremos visualizar a tabela abaixo com a quantidade de atividades gramaticais, dividindo-as em *atividades que trabalham adjetivo* e *atividades que não trabalham adjetivo*. Vejamos:

Tabela 1 - Distribuição de proposta de atividades com o trabalho gramatical.

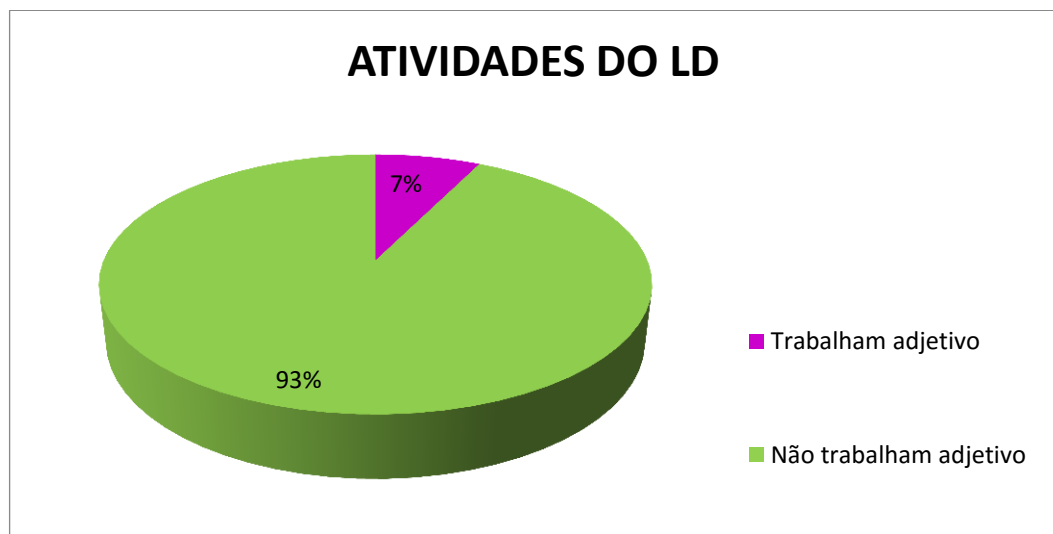
TRABALHAM AD- JETIVO	NÃO TRABALHAM ADJETIVO	USO DA GRAMÁ- TICA DE MODO GERAL
5	63	68

Fonte: Dados da pesquisa/2017.

Com base na tabela, podemos observar que do total de 68 atividades que trabalham o uso da gramática de modo geral, 63 não trabalham o adjetivo, e apenas 5 atividades estão voltadas para esta função morfológica especificamente.

Esses mesmos dados, convertidos em percentual, pode ser visualizado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Atividades do LD que trabalham e que não trabalham adjetivo



Fonte: Dados da pesquisa/2017.

Do que observamos do gráfico, apenas 7% das atividades trabalham o adjetivo, enquanto 93% não trabalham com o adjetivo, mas apenas com outros aspectos gramaticais.

A partir de agora iniciaremos a análise do *corpus*, objetivando atingir o terceiro objetivo específico elaborado para esta pesquisa: descrever como o adjetivo é trabalhado no livro didático selecionado como *corpus*. Assim, para desenvolvê-lo, seguimos o segundo critério de análise:

O LDP do 6º ano do Ensino Fundamental: *Vontade de saber português*, de Rosemeire Aparecida Alves Tavares e Tatiane Brugnerotto Conselvan, prioriza os **critérios** de classificação das palavras: **mórfico** (forma), **sintático** (função) e **semântico** (sentido)? Se positivo, como são abordados?

Inicialmente, afirmamos que o livro adotado como *corpus* trabalha os critérios: **mórfico** (forma), **sintático** (função) e **semântico** (sentido), priorizando sempre o semântico sobre os demais. Vejamos como isso acontece a partir de agora.

A primeira página do LD que trabalha com os adjetivos apresenta, inicialmente, um trecho do conto *O casal de velhos* de Edson Gabriel Garcia. Em seguida, trabalha uma atividade de quatro questões que considera a leitura e compreensão do texto. Como podemos observar na figura abaixo.

Figura 2 – Atividade 1

A língua em estudo

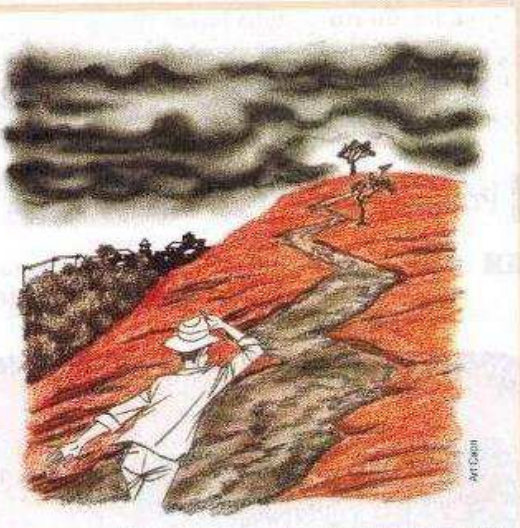
Adjetivo

Refletindo e conceituando

Leia o trecho de um conto.

O céu estava escurecendo rapidamente, fechado, com nuvens escuras, quase pretas, anunciando uma tempestade de trovões, relâmpagos e água pesada. Manezinho apressou o passo na estrada deserta meio sem saber o que fazer. Tinha pegado uma carona até o trevo e agora caminhava em direção à cidade que se escondia do lado de lá da pequena montanha. Quase uma hora de caminhada e via apenas a estradinha se espichando em direção ao monte de terra. Tomaria chuva, com certeza. No máximo, tentaria se esconder debaixo de uma daquelas arvorezinhas raquíticas que margeavam o caminho. A escuridão aumentou ainda mais, fazendo com que ele, um homem danado de corajoso, tivesse medo do temporal e do aguaceiro que estavam para vir. [...]

Edson Gabriel Garcia. O casal de velhos. In: _____, *Sete gritos de terror*. São Paulo: Moderna, 1991. p. 17. (Veredas).



capítulo 1
 Histórias de arrepiar

- 1** Nesse trecho do conto, o narrador usa palavras para caracterizar diversos elementos da paisagem. Releia-o e escreva as palavras que o narrador utilizou para caracterizar:

a) como estava o céu; fechado	d) como estava a estrada; deserta
b) como eram as nuvens; escuras, pretas	e) como era a montanha; pequena
c) a intensidade da água da chuva; pesada	f) como eram as arvorezinhas; raquíticas
- 2** O uso dessas características auxilia na criação de que tipo de clima para o conto?
Um clima de suspense e mistério.
- 3** O narrador do conto também emprega uma palavra para caracterizar o personagem Manezinho. Qual é essa palavra? *Corajoso.*

Fonte: TAVARES, R. A. A. Vontade de saber português. São Paulo: FTD, 2012.

Podemos observar que as três primeiras questões solicitam que os alunos descubram as palavras utilizadas para caracterizar, bem como a intenção no uso dessas palavras. Só após a terceira questão, a autora apresenta uma definição para adjetivo, afirmando que “Adjetivos são palavras que modificam os substantivos, dando-lhes características, atribuindo-lhes um estado ou uma qualidade.” (TAVARES, 2012, p. 109).

A autora do livro em estudo esclarece também que “As palavras que foram usadas para indicar, por exemplo, como era o personagem; como estavam o céu, as nuvens, a estrada; como era a montanha, a estrada e as arvorezinhas são **adjetivos**”. (op. cit., grifo do autor), como podemos verificar Figura 3, a seguir.

Figura 3 – Atividade 1

As palavras que foram usadas para indicar, por exemplo, como era o personagem; como estavam o céu, as nuvens, a estrada; como era a montanha, a estrada e as arvorezinhas são **adjetivos**.
Adjetivos são palavras que modificam os substantivos, dando-lhes características, atribuindo-lhes um estado ou uma qualidade.

4 Agora, releia a seguinte frase do trecho e observe a expressão em destaque: “O céu estava escurecendo rapidamente, fechado, com nuvens escuras, quase pretas, anunciando uma tempestade **de trovões, relâmpagos e água pesada**.”

a) Qual substantivo a expressão em destaque caracteriza? *Tempestade.*

b) Com que função essa expressão foi usada? *Resposta esperada: para caracterizar, indicar o tipo de tempestade que estava acontecendo.*

109

Fonte: TAVARES, R. A. A. Vontade de saber português. São Paulo: FTD, 2012.

É importante a maneira como a autora introduz o estudo ao adjetivo, uma vez que a leitura do texto contribui para que o leitor reflita por meio do uso das palavras sobre os valores que atribuímos aos seres e às coisas. Da maneira como foi feita, a atividade torna-se uma ponte que liga a leitura ao conteúdo, pois a autora faz questionamentos sobre as palavras que só são possíveis de responder após a leitura e compreensão do texto. Tal leitura autoriza o leitor a inferir por meio da inserção dos seus próprios conhecimentos de mundo.

Assim, esta é uma estratégia positiva para o aprendizado, pois apesar das informações não estarem dadas facilmente, estão lá para que o aluno as percebam. Assim, só depois da reflexão inicial que considera o adjetivo em sua função caracterizadora, a autora define adje-

tivo, o que, neste momento servirá como complemento do que foi apreendido por meio da lição anterior.

Na quarta questão a autora aponta, indiretamente, uma relação entre substantivos e adjetivos, questionando também com que função o adjetivo “de trovões” foi utilizado. A partir da colocação desse adjetivo a autora explica a existência da locução adjetiva ao dizer que “Além do adjetivo, existem conjuntos de duas ou mais palavras que também caracterizam os substantivos. Esse conjunto de palavras que desempenha o papel de adjetivo é chamado de **locução adjetiva**. É o caso da locução **de trovões** apresentada na atividade anterior”. (Ibid., p. 110, grifo do autor).

Com base nessa leitura, verificamos que o LD trabalha a relação dos adjetivos com os substantivos, considerando que os adjetivos são nomes determinantes de substantivos (que são nomes determinados) como afirma Câmara Jr. (2011). Além disso, a colocação da autora ao dizer que conjuntos de palavras podem desempenhar o mesmo papel caracterizador que um adjetivo, é pertinente, pois a partir disso o aluno-leitor compreende a dimensão dos nomes existentes na língua portuguesa.

Nesta página do livro chamamos a atenção para a adoção, por parte da autora, do critério semântico e sintático, não apenas na atividade, como também na definição. Afirmamos assim, pois ela não considera, nesse momento, o adjetivo em sua forma, mas na sua função e em seu significado, focalizando, respectivamente, a relação dele com o substantivo e a ideia de ser uma palavra que caracteriza. Dessa forma, tanto a atividade quanto a definição desta palavra adotam a “característica” como ponto de referência para o estudo do adjetivo.

É apropriado trabalhar o critério semântico do adjetivo, no entanto, a definição e o estudo desse nome precisam considerar não apenas o sentido e a função, mas também a forma. Cabe dizer que a autora utiliza este critério de forma implícita, a partir da leitura e análise percebemos a presença do mesmo.

Na segunda página, a autora expõe o gênero textual diário e procura não só estudar o gênero, mas também, estudar o adjetivo através do texto explorado. Para isso a autora elabora três perguntas que iremos visualizar na Figura 4 abaixo.

Figura 4 – Atividade 2

Praticando Anote no caderno

1 Leia a seguir um trecho de *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*, livro escrito por uma garota de 11 anos que vivenciou, no início da década de 1990, a guerra da Bósnia.

Sábado 11 de julho de 1992
Dear Mummy

Nedo nos trouxe uma visita. Uma gatinha. Vinha andando atrás dele segura Nedo por toda parte aí ele não teve coragem de deixá-la do lado de fora. Pegou-a no colo e a trouxe para nós. Que nome vamos escolher para ela? Jamjo Jamjo Mada Mikana Perra Cici? Ela é alaranjada com as patinhas brancas e tem uma coleirinha. É a maior gracinha mas só um pouquinho selvagem.

Zlata

Zlata Filipović. *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*. Trad. Antonio de Macedo Soares, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 74-5.

- O diário é um gênero textual produzido para registrar fatos do cotidiano, ideias, opiniões, emoções, desejos, desabafo, segredos, entre outros. Escreva sobre o que Zlata registra em seu diário. Ela registra como uma gatinha passou a viver com ela.
- No diário, Zlata usou palavras que descrevem, isto é, que revelam características do animalzinho. Anote os adjetivos que ela empregou para caracterizar a cor do corpo e das patas da gatinha. *Alaranjada; brancas.*
- Zlata também usa dois adjetivos para expressar a sua opinião sobre o animal. Quais são eles? *Gracinha, selvagem.*

110

Fonte: TAVARES, R. A. A. *Vontade de saber português*. São Paulo: FTD, 2012.

Com base na letra b) da atividade, exposta na Figura, podemos perceber o emprego do adjetivo como uma palavra capaz de descrever, o que é válido, uma vez que quando descrevemos algo não deixamos de apontar suas características. Além disso, na letra c), a autora mostra uma situação em que utilizamos adjetivos, que é quando damos a nossa opinião sobre algo. Essas estratégias de exploração do adjetivo nos textos são bastante significativas para o aprendizado dos alunos.

Mais uma vez nos deparamos com o uso do critério semântico. A autora procura fazer com que o aluno-leitor compreenda a ideia de adjetivo, o que ele é, qual seu significado. Além disso, a autora explora muito o trabalho com o texto, utilizando diversos gêneros para estudar o adjetivo.

Na terceira página, por exemplo, o LD trabalha com o classificado, buscando em primeiro momento realizar reflexões sobre o gênero, para em seguida explorar o adjetivo. Isso se

repete em todas as questões que aparecem após o gênero textual. Vejamos como isso acontece a partir do classificado abaixo.

Figura 5 – Atividade 2

2 Leia o classificado a seguir.

Vende-se
Apto. novo, desocupado,
2 quartos, 3ª andar, ampla área
de lazer, ótima localização.
Tel.: (43) 4120-5081

2.c) Novo, desocupado, ampla, ótima. Esses adjetivos são importantes porque destacam as características do objeto anunciado, a fim de despertar o desejo de algum leitor para adquirir o imóvel anunciado.

a) Com que objetivo esse gênero textual é produzido? *Para anunciar algo (comprar, vender), contratar um empregado, ofertar um emprego, comunicar um evento etc., a fim de persuadir o leitor a atender o*

b) Onde esse gênero, normalmente, é veiculado? *objetivo a que se propõe. Em jornais, revistas, sites.*

c) Em classificados geralmente são empregados adjetivos. Identifique alguns adjetivos no classificado acima e explique qual é a importância deles nesse gênero.

d) No anúncio há uma locução adjetiva. Copie-a e escreva se é possível substituí-la por um adjetivo correspondente. *A locução adjetiva é de lazer. Essa locução não apresenta um adjetivo correspondente.*

capítulo 1

Histórias de arrepiar

Fonte: TAVARES, R. A. A. Vontade de saber português. São Paulo: FTD, 2012.

Assim, como podemos observar, a figura 5 apresenta um texto, o gênero textual classificado, como foi mencionado anteriormente, em seguida perguntas que consideram este texto. São perguntas referentes ao gênero, como é o caso das letras a) e b) e também sobre os adjetivos presentes no texto, nas letras c) e d).

Na mesma página, a autora trabalha a classificação do adjetivo e mostra competência ao dizer que “Da mesma maneira que ocorre com os substantivos, os adjetivos recebem diferentes classificações.” (TAVARES, 2012, p. 111). Pois, novamente, considera a relação existente entre essas palavras. De maneira tradicional, a autora classifica os adjetivos em simples, composto, primitivo, derivado e pátrio. Como podemos observar na imagem seguinte.

Figura 6 – Classificação do adjetivo

Classificação do adjetivo

Da mesma maneira que ocorre com os substantivos, os adjetivos recebem diferentes classificações.

Simples ou composto

Os adjetivos formados por apenas uma palavra são denominados **adjetivos simples**. Exemplos: céu **fechado**, água **pesada**, roupa **colorida**.

Os adjetivos formados por mais de uma palavra recebem o nome de **adjetivos compostos**. Exemplos: luta **greco-romana**, roupa **azul-marinho**, camiseta **azul-celeste**, cultura **lusu-brasileira**.

Primitivo ou derivado

Os adjetivos que não se originam de nenhuma palavra são denominados **adjetivos primitivos**. Exemplos: carro **branco**, estádio **grande**, menina **alta**, **doce** criatura, mesa **redonda**, livro **velho**, **pequena** biblioteca, rádio **antigo**.

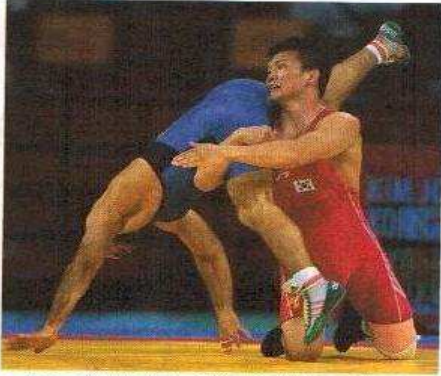
Os adjetivos formados a partir de outras palavras recebem o nome de **adjetivos derivados**. Exemplos: futebol **brasileiro** (derivado de *Brasil*), café **adocicado** (derivado de *doce*), homem **envelhecido** (derivado de *velho*), coração **amargurado** (derivado de *amargar*).

Adjetivo pátrio

Alguns adjetivos são empregados para fazer referência a países, estados, cidades ou localidades, indicando o lugar de origem do ser. Veja dois exemplos nas manchetes a seguir.

A **Aposta no axé, Carnaval e carisma dos baianos**

Yanessa Almas. Folha de São Paulo On Line Bahia, 7 nov. 2009. Extraído do site: <www.folhadasabia.com.br/midias/ferrencia.php?id=1223>. Acesso em: 10 fev. 2011.



Fotografia retratando atletas em luta greco-romana.

111

Fonte: TAVARES, R. A. A. Vontade de saber português. São Paulo: FTD, 2012.

Nesse momento, notamos a presença do critério morfológico, quando a autora focaliza a classificação dos adjetivos, principalmente, ao tratar dos adjetivos derivados, pois as palavras sofrem mudanças na estrutura, na medida em que uma nova palavra é criada a partir de outra já existente. É o exemplo de *brasileiro*, *envelhecido*, *adocicado* e *amargurado*, mencionados pela autora, como podemos observar na figura acima.

Em seguida, a autora apresenta um HQ para exercitar o conhecimento adquirido com relação aos adjetivos pátrios, tendo em vista que esta é uma das classificações do adjetivo, como pode ser percebido na figura acima. Vejamos a Figura 7.

Figura 8 – Atividade 3

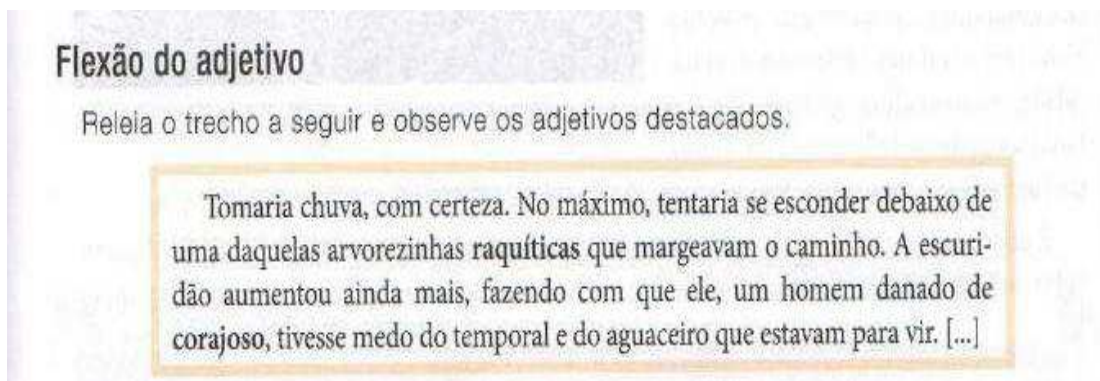


Fonte: TAVARES, R. A. A. Vontade de saber português. São Paulo: FTD, 2012.

Observando a Figura 8, compreendemos que a descrição solicitada emergirá com base na subjetividade e valores de mundo de cada aluno, o que é um aspecto positivo. Temos mais um exemplo de estudo do critério semântico, indicado por Câmara Jr. (2011) explorado de forma produtiva.

A autora também considera a flexão do adjetivo, para a realização desse estudo quando utiliza o trecho exposto na Figura 9 a seguir.

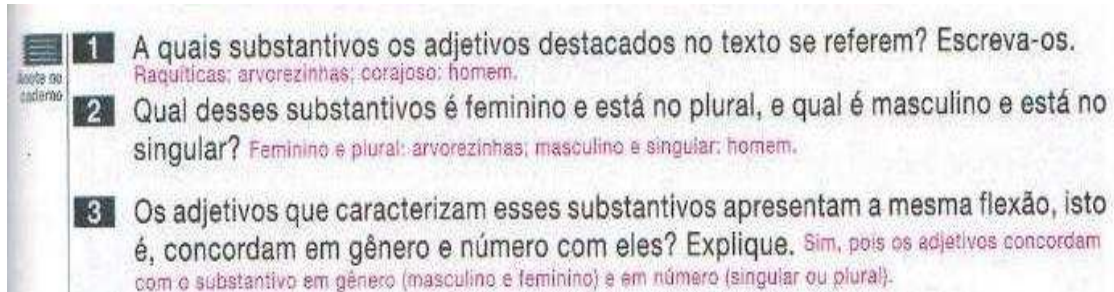
Figura 9 – Flexão do adjetivo



Fonte: TAVARES, R. A. A. Vontade de saber português. São Paulo: FTD, 2012.

Com base nesse texto, a autora faz os seguintes questionamentos:

Figura 10 – Atividade 4



Fonte: TAVARES, R. A. A. *Vontade de saber português*. São Paulo: FTD, 2012.

Novamente a autora considera a relação existente entre os substantivos e adjetivos, apontando, entre ambos, uma relação de concordância no que concerne ao gênero (feminino/masculino) e número (singular/plural) dessas palavras. Para tanto, a autora faz uso não só do critério sintático por apontar essa relação de concordância, mas também do morfológico ao tratar da flexão de gênero e número dos adjetivos, uma vez que esta é uma manifestação estrutural, pois percebemos a flexão nas palavras através da sua forma.

Por fim, na última página, a autora finaliza com um texto intitulado *O porquê do título de “Cidade Maravilhosa” está aí!* Após o texto, a autora faz uma atividade de compreensão que chama a atenção dos alunos para o uso dos adjetivos, como mostra a Figura 11 abaixo.

Figura 11 – Atividade 5

Praticando Anotar no caderno

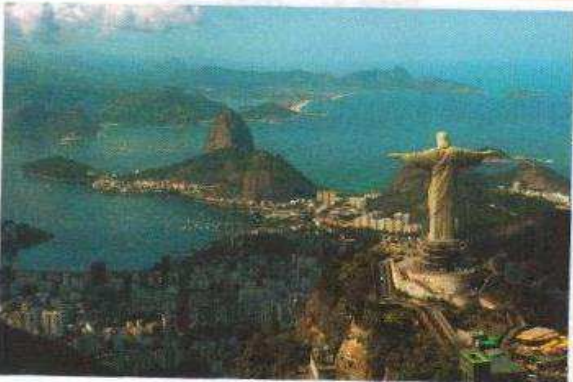
1 Leia o texto a seguir.

O porquê do título de “Cidade Maravilhosa” está aí!

Em qualquer época do ano, a cidade do Rio de Janeiro faz a alegria de turistas do mundo todo, seja por meio de sua beleza incomparável ou pela infinidade de atrações que oferece. Se pararmos para pensar, a adjetivação de “Cidade Maravilhosa” é pouco para o Rio, pois com a imensidão de atrativos, praias deslumbrantes, arquitetura arrojada, rico acervo cultural e histórico, hospitalidade, infraestrutura, gastronomia e as famosas garotas de Ipanema da música de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, essa cidade acaba sendo muito mais que maravilhosa.

É abençoada por Deus. Se você quiser ver muita gente bonita, conhecer o Pão de Açúcar, subir ao Corcovado e admirar uma das mais belas paisagens do mundo, não perca mais tempo.

CVC: Sul, Sudeste e Centro-Oeste com a CVC, set. 2008, p. 20.



© 2008, Anel/Anel/Anel/Anel

▲ Fotografia retratando vista da cidade do Rio de Janeiro, onde se vê o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar.

a) Esse texto foi extraído de um folheto publicitário de uma agência de turismo. Como você pôde perceber, ele exalta a beleza da cidade do Rio de Janeiro por meio do uso de diversos adjetivos. Quais são eles? *Deslumbrantes, arrojada, rico, famosas, maravilhosa, abençoada, bonita e belas.*

b) Copie, entre as afirmativas a seguir, aquela que indica o objetivo com que esses adjetivos foram empregados nesse texto. *Despertar o interesse do leitor para que ele compre o pacote de viagem com destino ao Rio de Janeiro.*

A Mostrar que a cidade do Rio de Janeiro é o melhor lugar do Brasil para se viver, devido à gastronomia e à infraestrutura da cidade.

B Despertar o interesse do leitor para que ele compre o pacote de viagem com destino ao Rio de Janeiro. *† c) Possíveis respostas: deslumbrantes - encantadoras, impressionantes; arrojada - busada, inovadora; rico - raro, valioso; famosas - conhecidas; maravilhosa - espetacular.*

c) Escreva outros adjetivos que poderiam ser empregados no lugar dos adjetivos destacados no trecho a seguir sem alterar o seu sentido.

[...] com a imensidão de atrativos, praias **deslumbrantes**, arquitetura **arrojada**, **rico** acervo cultural e histórico, hospitalidade, infraestrutura, gastronomia e as **famosas** garotas de Ipanema da música de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, essa cidade acaba sendo muito mais que **maravilhosa**.


d) Em qual das frases a seguir o adjetivo **rico** apresenta o mesmo sentido que essa palavra na expressão “**rico** acervo cultural e histórico”? Copie-a.

A *A Língua Portuguesa é rica em substantivos.*

B O menino é de uma família **rica**.

C A Língua Portuguesa é **rica** em substantivos.

D Aquela construção é considerada uma das mais **ricas** que existem na cidade.



Paula Duarte

Com base na Figura 11, podemos perceber que na atividade 5 a autora procura explorar apenas o uso dos adjetivos, certamente, considerando que neste momento do processo de aprendizado, os alunos já estão num nível mais avançado da reflexão sobre este nome. Desta maneira, a autora pede que os alunos identifiquem os adjetivos presentes no texto, como indica a letra a), em seguida, solicita que os alunos descubram com o que objetivos os adjetivos são utilizados no texto, como mostra a letra b), depois pede que os alunos substituam os adjetivos destacados por outros adjetivos de mesmo peso semântico, na letra c) e, por fim, na letra d) a autora diz que os alunos devem dizer em qual das frases mencionadas a palavra *rico* possui o mesmo sentido da que foi mencionada no texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O LD é um documento de grande influência para disseminação do aprendizado, por isso é sempre importante que seja analisado e debatido, foi o que fizemos neste trabalho, considerando o adjetivo como foco desta investigação. O adjetivo, denominado nome por Câmara Jr., precisa ser estudado de modo que seja compreendido a partir da forma, função e sentido que pode desempenhar.

De acordo com a nossa investigação, chegamos ao resultado de que o LD do 6º ano do Ensino Fundamental da coleção *Vontade de saber português* possui 68 atividades que trabalham aspectos gramaticais. Dentre estas, apenas 5, o que equivale a 7%, trabalham com os adjetivos, enquanto que 63, o que equivale a 93%, trabalham outros aspectos gramaticais.

Isso acontece porque a parte destinada ao estudo dos adjetivos é curta, no entanto, procura explorar o conhecimento e despertar o interesse dos alunos para esse aprendizado, através da leitura de textos e recursos atrativos como os gêneros diário e HQ, que são textos utilizados por este público leitor.

Além disso, esses 7% que trabalham o nome adjetivo utiliza os critérios de classificação dos vocábulos adotados especialmente por Câmara Jr. (2011), por meio de recursos e estratégias significativas para o aprendizado, priorizando a semântica, a sintaxe e estrutura vocabular.

Cabe dizer que a pesquisa resolveu o problema inicialmente proposto, uma vez que os objetivos gerais e específicos foram alcançados, pois descobrimos o tratamento dado pelo LD ao nome adjetivo, analisamos e discorremos sobre a temática e ao fim concluímos que o LD analisado considera o estudo desse nome, com base nos critérios de classificação vocabular.

Este estudo ampliou a nossa compreensão sobre a temática, uma vez que além de resolver a problemática a que nos sujeitamos, encontramos outros problemas, dentre eles apontamos a escassez de abordagem, bem como a ideia de que há um tempo de abordagem para tal estudo. Para resolver esse problema, o LD distribui nas demais unidades, o que possibilitaria a reiteração discursiva.

Ao lado disso, afirmamos que a metodologia utilizada foi suficiente para realizar os procedimentos da nossa análise, uma vez que auxiliou, fortemente, para alcançarmos as nossas metas. Além disso, a bibliografia selecionada correspondeu às nossas expectativas, pois a partir dela que pudemos utilizar os critérios de análise para se chegar aos resultados.

Após ler, analisar, comparar e sintetizar a respeito da temática, é importante registrarmos a nossa posição diante deste estudo. Inicialmente, dizer que é sempre eficaz trabalhar

aspectos gramaticais em sala de aula, principalmente, sem nos prendermos as concepções tradicionais, mas sempre buscando refletir sobre a língua, considerando-a em suas possibilidades linguísticas. Além disso, este trabalho torna-se muito mais positivo quando adotamos o texto como fonte para o estudo gramatical, sem utilizar o texto como pretexto, mas sim, a fim de entendermos o funcionamento gramatical na construção textual, uma vez que enquanto usuários da língua fazemos, a todo momento, uso de textos falados e escritos e, é nesses textos que construímos, que adotamos concepções gramaticais. Desta maneira, a temática investigada é imprescindível para alunos, professores e estudiosos da Língua Portuguesa.

Portanto, esperamos que esta pesquisa contribua com reflexões sobre estratégias didático-pedagógicas voltadas para a análise linguística em sala de aula, tanto para alunos quanto para professores de língua portuguesa, embora não consideremos uma discussão concluída, mas fomentadora de acréscimos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BATISTA, A.; ROJO, R.; ZÚÑIGA, N. Produzindo livros didáticos em tempo de mudança (1999-2002). In: VAL, M. G. C.; MARCUSCHI, B. **Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 47-72.

BASILIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: 1997.

BUNZEN, C.; ROJO, R. Livro didático de língua portuguesa como gênero do discurso: autoria e estilo. In: VAL, M. G. C.; MARCUSCHI, B. **Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 47-72.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 44. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Histórico. Disponível em <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>>. Acesso em: 18 out. 2016.

KLEIMAN, A. B. **Oficina de gramática: metalinguagem para principiantes**. Campinas, SP: Pontes Editoras, 2012.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

MACAMBIRA, J. R. **A estrutura morfo-sintática do Português**. 7. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1993.

MARCUSCHI, B.; CAVALCANTE, M. Atividades de escrita em livros didáticos de língua portuguesa: perspectivas convergentes e divergentes. In: VAL, M. G. C.; MARCUSCHI, B. **Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. P. 237-260.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/pdf>>. Acesso em: 19. Mar. 2017.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUTCHUK, I. **Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo) sintática.** Barueri, SP: Manole, 2010.

TAVARES, R. A. A. **Vontade de saber português.** São Paulo: FDT, 2012.

WEEDWOOD, B. **História da Linguística concisa da linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.